

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

197

INSCRIÇÕES 722-726



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2019

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas

Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



MARCO ANEPÍGRAFO DE CARAPITO
(MOIMENTA DA BEIRA)

Identificou-se esta coluna granítica em propriedade particular, delimitando duas pequenas parcelas de terreno, na aldeia de Carapito, que pertence administrativamente à actual União das Freguesias de Pêra Velha, Aldeia de Nacomba e Ariz, do concelho de Moimenta da Beira (FOT. 1 e 2). A população local diz que se lembra deste vestígio sempre no mesmo lugar, estando antes um pouco mais próximo do arruamento que ali passa, a Rua da Lameira.

As suas dimensões são as seguintes: 1,55 m de altura (acima do solo) e 0,71/0,91 m de perímetro. O diâmetro da face superior será menor que o da base. Desconhece-se quanto estará enterrado no solo e possui uma cavidade no topo (FOT. 3), destinada a suportar algo aquando de eventual reutilização.

Não se conseguem descortinar quaisquer rasgos de letras na sua superfície, mesmo após cuidada limpeza (FOT. 4), para que, com fundamento, se lhe possa atribuir a categoria de miliário. Para além da forma, temos, porém, três razões – de valor discutível, hemos de convir – para se aventar a hipótese de poder ser atribuído a uma via romana:

1) A presunção de não ser inviável de todo a ideia de, numa via, poderem ter existido, a espaços, marcos que não seriam miliários propriamente ditos, por não indicarem as milhas, mas destinados a assinalar a estrada. Assim se têm interpretado, por exemplo, miliários anepígrafos em áreas de nevões, como a actual Suíça¹. O miliário

¹ Veja-se GEROLD WALSER, «Anepigraphie Meilenstein in der Schweiz»,

de Carapito situa-se a cerca de 880 metros de altitude, numa zona planáltica, onde, de facto, os invernos são particularmente rigorosos.

2) Na povoação de Pêra Velha existe um topónimo a que se tem atribuído origem romana: a Rua do Carril. Entende-se por «carril» o caminho que tem marcas dos rodados de carros; ora, sendo certo que, amiúde, no lajeado das vias romanas, essas marcas nitidamente se observam, não é ilícito supor que um topónimo tradicional possa denunciar a existência de uma via romana por aí.

3) Regista-se em Aldeia de Nacomba uma calçada romana. Esse, o motivo por que Jorge Alarcão pôs a hipótese de ser esse um troço da via que, de Marialva (capital dos *Aravi*), passando também por Beira Valente, se dirigia para o rio Douro, que era atravessado em Covelinhas².

Por conseguinte, havendo vestígios de uma via, mais plausível se torna a possibilidade de a coluna ter sido deslocada daí, a tão curta distância.

Haveria uma quarta razão, quiçá não muito fácil de aduzir aqui, atendendo ao tipo de material, o granito, de gravação sempre problemática. Escreve, de facto, Pierre Sillières, a propósito dos miliários ora anepígrafos, que os caracteres poderiam ter sido gravados neles com pouca profundidade, o que obrigara a pintá-los «para os tornar mais legíveis»³. E, naturalmente, com o tempo essa pintura desaparecera e os maus-tratos acabaram por fazer desaparecer os ténues sulcos existentes.

Creemos, pois, justificável a preocupação de darmos esta notícia, que, aliada a outras informações, como vimos, melhor pode ajudar a compreender a importância dos vestígios romanos nestas paragens, integráveis, nessa época, no território do *conventus Emeritensis*.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JOSÉ CARLOS SANTOS

Chiron 4 1974 457-466. Agradecemos ao Doutor Vasco Mantas a confirmação desta possibilidade.

² ALARCÃO, Jorge de, «Notas de Arqueologia, epigrafia e toponímia – I», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7/1, 2004, p. 333.

³ SILLIÈRES (Pierre), *Les Voies de Communication de l'Hispanie Méridionale*, Paris, 1990, p. 52.



725



3



4

725